

Formação continuada do professor de História e a inovação tecnológica¹

Terezinha Maria Bogéa Gusmão

Diante do atual cenário de desenvolvimento tecnológico e social, o professor não pode ficar alheio às mudanças que ocorrem ao seu redor. É necessário que esteja em processo contínuo de aprendizagem para que domine o saber teórico, as diferentes linguagens e metodologias para melhor viabilizar o ensino de História tornando-o mais significativo e interessante ao aluno. Aqui esses desafios serão pensados a partir da importância da tecnologia na formação continuada do professor de História, mediante a um contexto de constantes transformações/adaptações tecnológicas, particularmente aceleradas pelo contexto da pandemia do novo coronavírus.

Em recorte temporal iniciado na década de 1990, Anna Maria Carvalho sintetiza:

Estes últimos anos constituem um período de mudanças dramáticas para a escola brasileira. Reclamam sobre ela ondas de reformulações propostas pelas novas legislações como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que induziu novos pareceres dos Conselhos Nacional e Estadual de Educação, novas propostas do Ministério da Educação e da secretaria de educação, novas tecnologias para as escolas, novos... São tantas novidades que os professores, de todos os níveis, tornaram-se bastante inseguros sobre o que ensinar e como ensinar (CARVALHO, 2017, p. 1).

Ensinar tem gerado crescentes inquietações nos docentes. Lidar com as Tecnologias de Informações e Comunicações (TICs) tem sido desafiador para o professor do século XXI, que precisa saber manusear ferramentas que se constituem como elementos essenciais para a ministração de aulas nos dias de hoje. É exigido do professor pelas leis que direcionam o ensino básico, que este se revista de conhecimento técnico para o exercício de sua profissionalidade. Compreende-se que um professor de História de posse do conhecimento específico em teoria e metodologia, obtido durante a graduação, na formação continuada e em exercício contínuo da profissão, pode levar ao alunado reais possibilidades de diferentes linguagens e interpretações.

Em sentido mais amplo, Antônio Nóvoa nos lembra que a formação de professores não pode deixar de acompanhar a evolução da ciência e das suas modalidades de convergência. Em tempos do digital, a visão enciclopédica das disciplinas vem sendo naturalmente substituída por formas mais exigentes e problematizadoras de aquisição do conhecimento (2017, p. 1.125). Cabe salientar que o digital é agregador de possibilidades inovadoras e de metodologias que atraem e

¹ Este artigo faz parte do oitavo capítulo do livro **Debates sobre a educação no Brasil: olhares interdisciplinares**, volume 2. Editora Diálogos, 2021, p. 106-117.

fascinam discentes e docentes. Portanto, o professor tem que saber utilizar essa e outras tecnologias a seu favor, pois, o aluno está “sempre conectado” às redes sociais bombardeadas por informações. Segundo Leandro Karnal (2008, p. 107), o professor precisa “[...] dominar o conhecimento histórico, as novas técnicas, linguagens e fontes que se pretende utilizar em sala de aula, para que haja aprendizagem”. No mesmo sentido, Circe Bittencourt (2008)² já antecipara a questão ao proferir que “[...] os atuais métodos de ensino tem de se articular as novas tecnologias para que a escola possa se identificar com as novas gerações pertencentes à cultura das mídias”.

As transformações ocorrem em uma velocidade ímpar, seja no conhecimento, nas informações ou no uso de diversificadas linguagens, dentre elas a digital que alteram comportamentos e relacionamentos. Portanto, o professor de História deve perceber que as tecnologias digitais se constituem como um desafio a ser vencido. Marcos Silva afirma:

Diante desse movimento contemporâneo de técnicas”, o desafio está basicamente no fato de que os professores precisam atentar para “o estilo digital de apreensão dos conhecimentos, isto é, para um novo comportamento de aprendizagem oriundo também da nova racionalidade técnica e dos estímulos que ela engendra (SILVA, 2007, p. 72).

São diversos os estímulos proporcionados pela tecnologia digital que podem ser usados no sistema educacional. Quando o professor sabe fazer o uso devido dessa ferramenta há um ganho satisfatório. É possível, por exemplo, encontrar na Web vários mecanismos que otimizem o ensino de História somados a utilização dos recursos de multimídias (computadores, tablets, smartphones, pendrives, datashows). Porém, para o exercício dessas habilidades é preciso que o professor saiba manejar devidamente essas ferramentas.

As mudanças e inovações se apresentam como algo desafiador e requerem uma formação que supra as necessidades que vão aparecendo. Assim, um professor comprometido com sua prática pode decidir por investimento pessoal na aquisição do que o mercado educacional oferece em termos de “novidade”³ ou as instituições públicas e privadas podem/devem investir para oportunizar esses acessos aos seus docentes.

Infelizmente ainda há uma dificuldade de manuseio dos recursos digitais por um número significativo de professores, caracterizando um distanciamento considerável entre a prática que deve agregar esses instrumentos e a realidade escolar brasileira.

Escolas e professores, de modo geral, não estão suficientemente preparados para lidar com esse tipo de linguagem. Por parte do professor, por exemplo,

² A primeira edição é de 2005.

³ Existem elementos que limitam/inviabilizam o investimento particular desse profissional. A exemplo, o baixo salário do professor da educação básica. Ao mesmo tempo, o mercado educacional valoriza profissionais que são preparados e capazes de “desenvolver seu trabalho com criação, pesquisa e crítica” (FREIRE, 1996, p. 32).

predomina com muito vigor o ensino tradicional, baseado fundamentalmente em aulas expositivas e no livro didático como referencial para informar e não para discutir e construir o conhecimento histórico (NASCIMENTO, 2008, p. 6).

É constatado em pesquisas e no próprio exercício da atividade docente que muitos professores estão despreparados para lidar com as ferramentas digitais em sala de aula, seja pela falta de recursos adequados ou de formação obtida nessa área. Assim, do ponto de vista dos recursos, o ensino de História continua quase sempre sendo ministrado de forma tradicional com o uso de aulas expositivas, às vezes pouco dialogadas e apoio quase que exclusivo do livro didático. Esse tipo de aula tem sido desinteressante para o alunado da educação básica, o que gera uma certa frustração ao professor já que os alunos não se sentem estimulados a participar das discussões.

É perceptível que o professor de História, além do conhecimento específico de sua área, deverá ter conhecimento de como lidar com as profundas modificações proporcionadas pelas tecnologias, que ampliaram as possibilidades de recursos e metodologias que podem ser utilizadas com a finalidade de melhorar o ensino de História. Os filmes e documentários que se inserem na categoria dos audiovisuais disponibilizados gratuitamente na Plataforma Youtube, ao serem devidamente escolhidos conseguem melhorar a dinâmica do ensino e possibilitar ao aluno conhecimento atrelado a entretenimento. Porém, sabemos que o uso da tecnologia digital auxilia o professor de História, mas não deve substituí-lo e nem anular a importância das aulas expositivas dialogadas.

O uso das ferramentas digitais possibilita ao professor oferecer um ensino de História com uma metodologia diversificada. Na realidade é perceptível que boa parte dos professores ainda demonstra dificuldades de manuseio/acesso. Em uma pesquisa com alguns professores de Arari-MA, encontramos um alto índice com dificuldades para manusear essas ferramentas, incluindo as mais elementares para utilização em sala de aula. Atribui-se essa situação a falta de formações que possam contemplar essa necessidade. Soma-se a essa falta de habilidade, o não acesso a ferramentas digitais, pois, a maioria das escolas não dispõem de internet, computadores, datashows, impedindo esses professores de se apropriarem de alguns desses recursos metodológicos.

A primeira vez em que a Rede Municipal de Educação de Arari-MA ofereceu um “treinamento” na área digital para os professores foi em 2018, para operacionalizar a Gestão Educacional (Geduca)⁴ implantada em 2017, com vigência a partir do ano seguinte. Foram dois

⁴ É uma plataforma pertencente a gestão municipal de educação, que tem como objetivo registrar a presença dos alunos, lançar conteúdos e notas, dentre outros itens. Todas as informações que são geradas no painel são referentes

encontros de 4h cada. Fora isso, não houve mais investimento na área de tecnologias digitais voltadas para a realidade da sala de aula por parte da Secretaria de Educação, até o mês de março de 2021. Com a disseminação da pandemia do novo coronavírus no Brasil, no início de março de 2020 e com o aumento progressivo de mortalidade, as escolas da rede pública do município ficaram inoperantes praticamente todo o ano, com exceção de 2 escolas⁵; as demais funcionaram somente nos meses de novembro e dezembro, período em que cadernos pedagógicos foram entregues aos alunos e trabalhos escolares feitos em tempo recorde, em casa sem o devido direcionamento do professor. Em 2021, para resolver o problema, a Secretaria de Educação promoveu uma formação na área de informática destinando 4 horas para a ensinar a operacionalizar a plataforma criada pela mesma e com posteriores orientações de um técnico para tirar as prováveis dúvidas.

Ademais, para Vani Moreira Kenski uma formação não deve ser excludente de tecnologia, fechada e hierarquizada. Ela afirma que há uma “[...] necessidade de construção de novas estruturas educacionais que não sejam apenas a formação fechada, hierárquica e em massa como a que está estabelecida nos sistemas educacionais” (KENSKI, 2007, p. 48).

Entende-se que no planejamento da formação, também deve se levar em consideração os meios que podem ajudar o professor a dinamizar as aulas de História, pontuando algumas metodologias viáveis para trabalhar com diferentes fontes e linguagens. A saber, recursos amparados em tecnologias digitais de informação e comunicação no ensino e aprendizagem da História.

Tais inovações podem nos remeter ao pensar e fazer histórico, como ensina de Certeau (2007, p. 73), referindo-se a operação historiográfica, que inclui a “[...] reunião dos documentos à redação do livro, a prática histórica é inteiramente relativa à estrutura da sociedade”. Ao aproximar essa citação da prática do professor de História, pensamos que o docente deve buscar meios, pelos quais, possa trabalhar a realidade do aluno. No entanto, uma boa forma é procurar no ciberespaço metodologias viáveis e acessíveis para a sua práxis. Ainda existe uma retração muito grande por parte dos professores quando falamos de recursos digitais⁶.

aos alunos e poderão ser acompanhadas pelos pais através do GMOBILE, um aplicativo que funciona em Android, IOS e Windows phone.

⁵ A Escola Militar 2 de Julho, apesar da suspensão das aulas presenciais continuou com atividades online, via whatsapp, até o mês de dezembro e a Escola Municipal Raimunda Marques também, no entanto, com menos efetividade em suas atividades. Essas escolas desempenharam suas atividades por conta própria.

⁶ Em 2018, tivemos a experiência de orientar um grupo de professores que lecionava História na Rede Municipal de Arari, quando pudemos perceber que alguns tinham dificuldades de selecionar documentários ou filmes para poder utilizá-los em sala de aula. Ainda há predominância significativa do uso exclusivo do livro didático, de aulas expositivas e a dificuldade de construção do conhecimento histórico. Tratando de forma específica do livro didático no município de Arari em 2018, houve uma espécie de “campanha” promovida pela Secretaria de Educação através

Aqui, antes de prosseguir, cabe reiterar que a indissociabilidade entre educação e tecnologias não transforma a segunda em solução para a primeira, ou seja, a opção por explorar o aspecto das tecnologias digitais no ensino de História pressupõe conhecimento do professor em sua área de formação. Não somos ingênuos em pensar que as tecnologia digitais vão sanar os problemas de aprendizagem ou educacionais. Por ora, lembramos com Vani Kensky (2007, p. 44), que “a maioria das tecnologias é utilizada como auxiliar no processo educativo. Não são nem o objeto, nem a substância, nem sua finalidade” na educação básica pública ou no sistema educacional brasileiro.

De volta à questão do livro didático, sabemos que nem sempre é possível utilizá-lo para se construir um debate que suscite reflexão histórica mais profunda; é necessário, às vezes, utilizarmos outros recursos como um documento, um documentário, um filme ou textos diversificados, recursos com potencial contribuição no ciberespaço.

O uso de recursos audiovisuais é uma boa metodologia para se trabalhar em sala de aula e talvez seja a mais utilizada, porém, tem que levar em consideração dois aspectos:

Identificar os fatores que levam a não utilização eficiente do cinema em sala de aula ou quando ele é utilizado, mesmo de modo inadequado, não é uma tarefa fácil. Nesse sentido, apontamos dois problemas gerais que, provavelmente, provocam a sua prática pouco eficiente na sala de aula: um problema de ordem infraestrutural e outro de formação de professores (NASCIMENTO, 2008, p. 6).

Nas escolas municipais ararienses existem as duas situações. Uma, em menor escala, referente a operacionalização do recurso didático, a exemplo do datashow, recurso multimídia mais utilizado hoje em sala de aula para a exibição de audiovisuais; a outra, sobre a infraestrutura, questão mais abrangente, pois, nas escolas não existe uma sala de vídeo e há somente uma unidade desse aparelho por escola. Ademais, às vezes não tem o notebook ou o datashow não funciona mais. Observamos que isso não se constitui uma realidade exclusivamente arariense, mas da educação básica a nível nacional, relatado por Jairo Nascimento em pesquisa com professores sobre a utilização de filmes na sala de aula. Dentre as respostas, ouviu o recorrente argumento de que:

Suas escolas não têm um espaço adequado para exibição, por não ter habilidade para manusear os aparelhos eletrônicos e por não encontrar filmes didáticos nas locadoras, além do fato já apontado de que têm dificuldade em trabalhar didaticamente filmes por não terem experiência [...] Uma parcela significativa das escolas brasileiras, públicas ou privadas, carece, em geral, de pessoal qualificado no uso e manuseio das tecnologias audiovisuais. Muitos

de seus supervisores para estimular a utilização do livro didático, com a alegação de que o professor estavam deixando de lado esse material e substituindo-o por outro.

professores, por não terem “intimidade” com aparelhos eletrônicos, por terem uma concepção pedagógica de ensino tradicional que só valoriza o livro didático, a aula expositiva e a prática da ‘decoreba’, por não terem conhecimento teórico-metodológico suficiente para lidar didaticamente com o cinema, não usam nem sequer o valorizam como um instrumento ou recurso didático que pode ser usado em sala de aula (NASCIMENTO, 2008, p. 8; 12).

Hoje não se tem problemas com locações de filmes, pois os encontramos no YouTube e em aplicativos, mas, a dificuldade de encontrar “filmes didáticos”⁷ por parte de alguns professores ainda permanece por não saberem instrumentalizar satisfatoriamente as tecnologias devidas e acessíveis ao meio escolar ou por não possuí-las. Portanto, o ideal seria que esse professor passasse por um processo formativo para manuseá-las. Infelizmente, o professor tem que aprender quase que exclusivamente fazendo, praticando. Percebemos ainda em nossos dias, dados que ainda são os mesmos de 2008, relacionados aos audiovisuais em sala de aula.

Ainda de acordo com Nascimento, o professor não precisa ser um “[...] especialista em linguagem cinematográfica, mas, ter algumas noções básicas é suficiente para enriquecer sua metodologia” (NASCIMENTO, 2008, p.15). Essa metodologia no ensino de História possibilita a leitura crítica do mundo a partir das imagens, pois, “[...] elas escondem posturas ideológicas, direcionamentos políticos, valores que devem ser percebidos pelo aluno sob a orientação do professor” (NASCIMENTO, 2008, p. 36). Evidentemente, como alerta Bittencourt (2008, p. 109), é fundamental o cuidado com “[...] o método de leitura dos meios de comunicação e do uso da informática de maneira que se propicia uma análise crítica das informações”. Tanto em uma visão como em outra, o professor necessita de conhecimento teórico/científico proporcionado por formação inicial ou continuada para que possa intervir significativamente no processo de ensino aprendizagem.

Como observa Ibernón (2009, p.18), é preciso analisar o que funciona, o que devemos abandonar, o que temos de desaprender, o que é preciso construir de novo ou reconstruir sobre o velho. Uma boa formação pode qualificar essa análise e apontar caminhos.

Para além disso, a pandemia do novo Coronavirus ofereceu material para sustentar a hipótese de que o professor não está tecnicamente preparado para lidar com as ferramentas digitais. Nesse momento ímpar na história da educação brasileira, período em que se estabeleceu o isolamento ou distanciamento social para minimizar os efeitos da covid-19, as aulas presenciais em todos os níveis de ensino foram substituídas por aulas remotas - nos lugares que foi possível

⁷ Não me refiro à diversidade de possibilidades de uso dos filmes em sala de aula, mas à dimensão técnica e tecnológica que envolve a questão.

ministrá-las dessa maneira -, surpreendendo e desafiando professores e alunos e levando-os bruscamente a mudanças de hábitos.

Diante de tamanha novidade, matéria do jornal *O Estado de São Paulo*, fundamentada em pesquisa realizada pelo Instituto Península, nos dá a dimensão do tamanho desse desafio: *Oito em cada dez professores não se sentem preparados para ensinar online*.

Quase 90% dos docentes informaram na pesquisa que nunca tinham tido qualquer experiência com um **ensino a distância** e 55% que não receberam, até agora, - quase dois meses depois das aulas presenciais foram suspensas em todo o Brasil - suporte ou treinamento para atuar de maneira não presencial. Sem orientação clara, os profissionais têm criado as próprias atividades (...) Os docentes de redes públicas e particulares ainda se declaram ansiosos e nada realizados com o trabalho no momento atual (O Estado de São Paulo, n. 46232, 16 mai. 2020, p. 4).

Essa pesquisa evidencia a falta de familiaridade do professor com as ferramentas digitais, suas dificuldades e limitações. O uso de novas tecnologias na educação não se sustentam se a base do sistema escolar não estiver muito bem consolidada. Ela precisa estar sempre alinhada às práticas criativas e inovadoras potencializando o aprendizado.

O professor se torna um mediador hábil quando submetido a uma formação que lhe permite ampliar seus conhecimentos teóricos e metodológicos, para que possa fazer a diferença em todos os momentos, incluindo os de crise, a exemplo do que vivenciamos agora. Compreendemos que a formação continuada não dá conta de todas as demandas do ensino, devido a sua complexidade. Não somos ingênuos a esse ponto, mas, cremos que uma boa formação inicial e continuada pode fazer a diferença, quando implantada com compromisso, respeito e dedicação, esse investimento gera ganhos ao sistema educacional.

O professor nesse momento vive sob dupla tensão, seja por conta da pandemia do novo coronavírus ou por conta da exigência que o sistema educacional lhe impõe, um modelo de atividade remota sem tê-lo preparado para o uso diário das tecnologias digitais em sala de aula. Apesar dela já está presente no âmbito escolar há muitos anos, na modalidade da educação a distância. Dessa forma, a imposição desse modelo de aula ao docente tem gerado desconforto, insegurança e ansiedade. “O professor ainda está tendo de se reinventar completamente, “imagine a sobrecarga e o estresse”, diz a diretora executiva do Instituto Península, Heloisa Morel.

Ainda sobre a pesquisa realizada por esse Instituto, no início de 2020, foi constatado que 70% dos professores entrevistados se sentem ansiosos pela demanda do momento. Se encontram desamparados, principalmente os da rede pública. Uma professora da rede privada alegou que a formação que tiveram “foi mínima para o que estamos presenciando agora”. Outra

professora da rede pública confessa que ainda não tinha conseguido usar o Centro de Mídias com suas turmas, plataforma criada pelo governo do Estado de São Paulo para o ensino remoto durante a pandemia.

A presidente executiva do Todos Pela Educação, **Priscila Cruz**, diz que poucas secretarias de Educação ou mesmo escolas particulares no País deram formação ou infraestrutura para professores em aulas não presenciais. A maioria dos profissionais tem usado seus próprios computadores, Wi-Fi ou celulares (*O Estado de São Paulo*, n. 46232, 16 mai. 2020, p. 4).

A fala de Priscila Cruz é percebida na realidade maranhense que teve a suspensão das aulas na rede pública estadual a partir de 17 de março de 2020. Apesar da tentativa de fornecer aulas aos alunos através de uma parceria entre o Governo do Estado e Assembleia Legislativa, em projeto chamado *Fiquem em Casa Aprendendo*, em que aulas são ministradas através da TV, plataforma digital (YouTube), rede social (Instagram) e aplicativo Whatsapp, não tiveram uma boa aceitação por parte dos docentes e discentes. Houve um aumento considerável nas atividades dos professores e reclamações dos alunos em relação aos recursos utilizados e a sobrecarga de atividades deixadas por vários professores ao mesmo tempo.

Segundo uma pesquisa realizada via Whatsapp com 15 professores de História de Arari-MA, constatamos a insatisfação dos professores que não sabem lidar devidamente com as ferramentas acima. Para além disso, em linhas gerais, os docentes salientaram a inviabilidade para a maioria dos alunos e ainda a notoriedade da exclusão de alunos por não ter acesso a internet, nem a telefone celular ou computador, situação ainda mais grave na zona rural.

Mediante aos autores citados e as recentes pesquisas, observamos o despreparo do professor da educação básica para lidar com as novas tecnologias em sala de aula, que predominantemente recorrem às aulas expositivas tradicionais. Porém, a necessidade de mudança é latente. Os professores têm consciência de que as tecnologias de informação e comunicação quando devidamente utilizadas podem promover a potencialização do ensino de História e maior compreensão do conhecimento histórico.⁸

Compreendemos que no contexto social em que vivemos profunda crise de valores e atitudes diversas e adversas, destaca-se o papel do professor de História, que busca novos recursos e práticas pedagógicas. O professor pode ajudar a sociedade usando o ensino de

⁸ Desde que utilizadas com intencionalidade pedagógica. Entende-se a intencionalidade pedagógica como sendo toda a ação consciente, planejada e executada pelo professor/educador, acomodada dentro do cenário pedagógico (salas de aula ou qualquer outro ambiente no qual seja possível o ato de ensino e aprendizagem), determinado como espaço relacional dos que ensinam e dos que aprendem (KENSKI, 2007, p. 46).

História como instrumento de luta e transformação social, levando os alunos a criticidade dos fatos, observando-os de maneira mais crítica e reflexiva.

Hoje, vivemos em nossa nação momentos de conturbações, onde temos que lidar, ao mesmo tempo, com uma pandemia, uma política sanitária e de saúde desastrosa, negacionismo e embates ideológicos entre direita e esquerda. Difusora de ódio em um momento em que as diferenças devem ser colocadas de lado em benefício de um bem maior, a vida. A postura do professor de História nesse contexto assume um papel imprescindível para promover algumas reflexões que são pertinentes neste momento, sobretudo, no direcionamento de uma reflexão política e social em meio ao processo pandêmico que o mundo e a nossa nação estão inseridos.

Dessa forma, percebe-se também a importância do ensino de História na educação básica. Para tanto,

É preciso que os professores possam vislumbrar perspectivas de crescimento profissional e de continuidade de seu processo de formação. Há que se repensar a própria formação, em vista dos desafios presentes e das novas exigências no campo da educação, que exige profissionais cada vez mais qualificados e permanentemente atualizados, desde a educação infantil até a educação superior (BRASIL, 2001).

A citação acima é do Plano Nacional de Educação de 2001, porém, apesar de ser escrita há duas décadas atrás, é como se estivesse sido escrita neste momento. O professor precisa preencher as lacunas existentes em sua formação inicial e as proporcionadas pelas inovações tecnológicas que geram transformações sociais. Esse preenchimento é possível através da formação contínua e do interesse do docente.

É importante que o docente consiga manter um ritmo de obtenção de crescimento científico que o possibilite compreender e discutir sobre as novas circunstâncias que vão surgindo no seu cotidiano. Devido a tantas mudanças é que se faz necessário repensar as formações que tem sido destinadas ao professor. O professor de História precisa mais que nunca estar em sintonia com as transformações ocorridas, sejam elas quais forem, para que possa gerir a sua prática docente da melhor forma possível, em todos os níveis educacionais.

Resumindo, não dá mais para ministrar uma formação continuada ao professor, que priorize elaborar manuais de rotina de sala de aula. Esse tipo de formação obsoleta pode até “melhorar índices no Ideb”, mas não contempla a necessidade real de um processo formativo significativo para o professor, que agregue novos conhecimentos científicos e aprimore a capacidade argumentativa do mesmo. Além do mais, a pandemia do novo coronavírus requereu do sistema educacional uma nova forma de pensar, de ensinar, de aprender, de se comunicar e de resolver os problemas da educação pública e privada.

Autora: Terezinha Maria Bogéa Gusmão, mestranda qualificada em História pelo PPGHIS/UEMA, especializada em Docência do Ensino Superior pela Faculdade do Maranhão (FACAM) e graduada em História pela universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Professora efetiva da Rede Municipal de Arari-MA e professora temporária no ensino superior, na modalidade EaD semipresencial (FACAM, CERSEMA e Santa Fé).

Referências

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

[BRASIL. Ministério da Educação. 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Plano Nacional de Educação. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 10 jan. 2001.](#)

CAFARDO, Renata. *Oito em cada dez professores não se sentem preparados para ensinar online*. O Estado de S. Paulo, 16 de maio de 2020 | 14h00.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. O que há de comum no ensino de cada um dos conteúdos específicos. In: CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. (Org.). *Formação continuada de professores: uma releitura das áreas do conteúdo*. São Paulo, SP. São Paulo: Cengage, 2017, p. 1 -14.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2007, p. 65-118.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação permanente do professorado: novas tendências*. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2009.

KARNAL, Leandro. *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 3 ed. – São Paulo: Contexto, 2005.

KENSKI, V. M. *Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação*. 6 ed. Campinas: Papyrus, 2007.

NASCIMENTO, Jairo Fênix. **Cinema e ensino de História: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula** – Revista de História e Estudos Culturais Abril/ Maio/ Junho de 2008 Vol. 5 Ano V n° 2 ISSN: 1807-6971.

NÓVOA, Antônio. *Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente*. Cad. Pesqui. [online]. 2017, vol.47, n.166, pp.1106-1133. ISSN 1980-5314. <http://dx.doi.org/10.1590/198053144843>.

SILVA, Marco et al. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 4 ed. 1 reimpr. 2007, p. 220.

1.3 Formação continuada e inovação tecnológica

TEXTO CORRIGIDO POR MARCELO, MAS NÃO ACABADO, O DE CIMA SIM

As tecnologias da informação e comunicação constituem parte de um contínuo desenvolvimento de tecnologias, a começar pelo giz e os livros, todos podendo apoiar e enriquecer as aprendizagens. Como qualquer ferramenta, devem ser usadas e adaptadas para servir a fins educacionais e como tecnologia assistiva, desenvolvidas de forma a possibilitar que a interatividade virtual se desenvolva de modo mais intenso, inclusive na produção de linguagens. Assim, a infraestrutura tecnológica, como apoio pedagógico às atividades escolares, deve também garantir acesso dos estudantes à biblioteca, ao rádio, à televisão, à internet aberta e às possibilidades da convergência digital (BRASIL, 2013, p. 25).

O conhecimento científico e as novas tecnologias constituem-se, cada vez mais, condição para que a pessoa saiba se posicionar frente a processos e inovações que a afetam. Não se pode, pois, ignorar que se vive: o avanço do uso da energia nuclear; da nanotecnologia; a conquista da produção de alimentos geneticamente modificados; e a clonagem biológica. Nesse contexto, tanto o docente quanto o estudante e o gestor requerem uma escola em que a cultura, a arte, a ciência e a tecnologia estejam presentes no cotidiano escolar, desde o início da Educação Básica (BRASIL, 2013, p. 26).

Hoje, exige-se do professor mais do que um conjunto de habilidades cognitivas, sobretudo se ainda for considerada a lógica própria do mundo digital e das mídias em geral, o que pressupõe aprender a lidar com os nativos digitais. Além disso, lhe é exigido, como pré-requisito para o exercício da docência, a capacidade de trabalhar cooperativamente em equipe, e de compreender, interpretar e aplicar a linguagem e os instrumentos produzidos ao longo da evolução tecnológica, econômica e organizativa. Isso, sem dúvida, exige que conhecimentos científicos sejam aliados a conhecimentos tecnológicos, isto é, exige habilidades que o curso que o titulóu, na sua maioria, não lhe propiciou. Desse ponto de vista, o conjunto de atividades docentes vem ampliando o seu raio de atuação, pois, além do domínio do conhecimento específico, são solicitadas atividades pluridisciplinares que antecedem e sucedem a regência, ou a permeiam. As atividades de integração com a comunidade são as que mais o desafiam (BRASIL, 2013, p. 59).

A relação entre ensino e inovação tecnológica também se evidencia na BNCC (complemente esse parágrafo e transforme o trecho abaixo em citação literal)

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos,

Comentado [M1]: Desde o início desse tópico você está utilizando essa referência (Brasil, 2013) sem apresentá-la. De qual documento se trata? O tópico poderia iniciar com um parágrafo de retomada da base legal, para que você cotesse esse documento textualmente, antes de começar a utilizá-lo.

resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BNCC, 2017, p. 9).

Evidentemente, à base legal interpõe-se a realidade escolar, ou, retomando as palavras de Antonio Nóvoa (2019, p. 11), a forma como reagimos aos “desafios impostos pelo modelo escolar”.

Diante do atual cenário de desenvolvimento tecnológico e social, o professor não pode ficar alheio às mudanças que ocorrem ao seu redor. É necessário que esteja em processo contínuo de aprendizagem para que domine o saber teórico e o prático, as diferentes linguagens e metodologias para melhor viabilizar o ensino de História, tornando-o mais significativo e interessante ao aluno. Aqui, esses desafios serão pensados a partir da importância da tecnologia na formação continuada do professor de História, mediante a um contexto de constantes transformações/adaptações tecnológicas, particularmente aceleradas pelo contexto da pandemia do novo Coronavírus.

Em recorte temporal iniciado na década de 1990, XXXXXXXX Carvalho sintetiza o curso das novidades:

Estes últimos anos constituem um período de mudanças dramáticas para a escola brasileira. Reclamam sobre ela ondas de reformulações propostas pelas novas legislações como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que induziu novos pareceres dos Conselhos Nacional e Estadual de Educação, novas propostas do Ministério da Educação e da secretaria de educação, novas tecnologias para as escolas, novos... São tantas novidades que os professores, de todos os níveis, tornaram-se bastante inseguros sobre o que ensinar e como ensinar (CARVALHO, 2017, p. 1).

Como ensinar é ensinar tem gerado crescentes inquietações nos docentes. Lidar com as Tecnologias de Informações e Comunicações (TICs) tem sido desafiador para o professor do século XXI, que precisa saber otimizar ferramentas que se constituem como elementos essenciais para a ministração de aulas nos dias de hoje. É exigido do professor, pelas leis que direcionam o ensino básico, que este revista de conhecimento técnico para o exercício de suas aulas. Compreende-se que um professor de História, de posse do conhecimento específico em teoria e metodologia, obtido durante a graduação, na formação continuada e em exercício contínuo da profissão, pode levar ao alunado reais possibilidades de diferentes linguagens e interpretações.

Em sentido mais amplo, Antônio Nóvoa nos lembra que

A formação de professores não pode deixar de acompanhar a evolução da ciência e das suas modalidades de convergência. Em tempos do digital, a visão enciclopédica das disciplinas vem sendo naturalmente substituída por formas mais exigentes e problematizadoras de aquisição do conhecimento (ano,

Comentado [M2]: Pesquise, em relação a grafia correta, a melhor forma de nos referirmos ao Coronavírus.

Comentado [M3]: Não consegui corrigir.

p. 1.125) Cabe salientar que o digital é agregador de possibilidades inovadoras e de metodologias que atraem e fascinam discentes e docentes. Portanto, o professor tem que saber utilizar essa e outras tecnologias a seu favor. Pois, o aluno está “sempre conectado” às redes sociais bombardeadas por informações. Segundo Leandro Karnal (2008, p. 107), o professor precisa “[...] dominar o conhecimento histórico, as novas técnicas, linguagens e fontes que se pretende utilizar em sala de aula, para que haja aprendizagem”. No mesmo sentido, Circe Bittencourt (2008)⁹ já antecipara a questão, ao proferir que “[...] os atuais métodos de ensino tem de se articular as novas tecnologias para que a escola possa se identificar com as novas gerações pertencentes à cultura das mídias”.

As transformações ocorrem em uma velocidade ímpar, seja no conhecimento, nas informações ou no uso de diversificadas linguagens, dentre elas a digital, que alteram comportamentos e relacionamentos. Portanto, o professor de História deve perceber que as tecnologias digitais se constituem como um desafio a ser vencido, Marcos Silva afirma que:

Diante desse “movimento contemporâneo de técnicas”, o desafio está basicamente no fato de que os professores precisam atentar para “o estilo digital de apreensão dos conhecimentos, isto é, para um novo comportamento de aprendizagem oriundo também da nova racionalidade técnica e dos estímulos que ela engendra” (SILVA, 2007, p. 72).

São diversos os estímulos proporcionados pela tecnologia digital que podem ser usados no sistema educacional; quando o professor sabe fazer o uso devido dessa ferramenta, há um ganho satisfatório. É possível, por exemplo, encontrar na Web vários mecanismos que otimizem o ensino de História, somados a utilização dos recursos de multimídias (computadores, tablets, smartphones, pendrives, datashows); porém, para o exercício dessas habilidades, precisa é preciso que sejam primeiramente apropriadas pelo professor. As mudanças e inovações se apresentam como algo desafiador e requerem uma formação que supra as necessidades que vão aparecendo. Assim, um professor comprometido com sua prática pode decidir por investimento pessoal na aquisição do que o mercado educacional oferece em termos de “novidade”¹⁰, ou as instituições públicas e privadas podem/devem investir para oportunizar esses acessos aos seus docentes.

⁹ A primeira edição é de 2005.

¹⁰ Existem elementos que limitam/inviabilizam o investimento particular desse profissional, a exemplo, o baixo salário do professor da educação básica. Ao mesmo tempo, o mercado educacional valoriza profissionais que são preparados e capazes de “desenvolver seu trabalho com criação, pesquisa e crítica” (FREIRE, 1996, p. 32).

Comentado [M4]: Este número de página está correto?

Comentado [M5]: Essas aspas existem no original? Se sim, é porque ele utilizou outro autor, especialmente no segundo trecho. Em caso afirmativo, é preciso citar esse outro autor apud Silva.

Infelizmente, ainda há uma dificuldade de manuseio¹¹ dos recursos digitais por um número significativo de professores, caracterizando um distanciamento considerável entre a prática que deve agregar esse instrumento e a realidade escolar brasileira.

Escolas e professores, de modo geral, não estão suficientemente preparados para lidar com esse tipo de linguagem. Por parte do professor, por exemplo, predomina com muito vigor o ensino tradicional, baseado fundamentalmente em aulas expositivas e no livro didático como referencial para informar e não para discutir e construir o conhecimento histórico (NASCIMENTO, 2008, p. 6).

É constatado em pesquisas e no próprio exercício da atividade docente, que o professor é despreparado para lidar com as ferramentas digitais em sala de aula, seja pela falta de recursos adequados ou de formação obtida nessa área. Assim, do ponto de vista dos recursos, o ensino de História continua, quase sempre, sendo ministrado de forma tradicional, com o uso de aulas expositivas às vezes pouco dialogadas e o apoio quase que exclusivo do livro didático. Esse tipo de aula tem sido desinteressante para o alunado; para o professor também é frustrante, já que os alunos não se sentem estimulados a participar.

É perceptível que o professor de História, além do conhecimento específico de sua área, deverá ter conhecimento de como lidar com as profundas modificações proporcionadas pela tecnologia, que ampliou as possibilidades de recursos e metodologias que podem ser utilizadas, com a finalidade de fazer bom uso nas aulas. Os filmes e documentários que se inserem na categoria dos audiovisuais disponibilizados gratuitamente na Plataforma Youtube, ao serem devidamente escolhidos, conseguem prender a atenção do alunado e possibilitar-lhes conhecimento atrelado a entretenimento. Porém, o uso da tecnologia digital auxilia o professor de História, mas não substitui as aulas expositivas dialogadas, que mesmo via digital – devido a pandemia do Novo Coronavírus – continuam acontecendo.

O uso das ferramentas digitais possibilita ao professor oferecer um ensino de História com uma metodologia diversificada. Na realidade arariense, é perceptível que boa parte dos professores ainda demonstra dificuldades de manuseio/ acesso. Como exemplo, temos a rede municipal de Arari, em que encontramos um alto índice de professores que não sabem manusear as ferramentas digitais mais elementares para utilização em sala de aula, decorrente da falta de competências e habilidades para uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Some-se a esse não saber, o não acesso a ferramentas digitais, pois suas escolas não dispõem de internet, computadores e datashows e as dificuldades

¹¹ Caso constatado no município de Arari em relação a alguns professores que lecionam a disciplina História.

financeiras, resultantes de baixos salários, que impedem de se apropriarem de alguns desses recursos metodológicos como forma de investimento pessoal.

A primeira e única vez, até o presente momento, em que a Rede Municipal de Educação de Arari ofereceu um “treinamento” na área digital para os professores foi em 2018, para operacionalizar a Gestão Educacional (Geduca)¹², implantada em 2017 e vigente a partir do ano seguinte. Foram dois encontros de 4h cada. Fora isso, nunca houve interesse da Secretaria de Educação em trazer qualquer formação que contemplasse a carência sobre as ferramentas digitais. O professor sempre teve que ir a busca das ferramentas de acordo com suas condições e a necessidade de diversificar as suas aulas.¹³

Vani Moreira Kenski analisa um tipo de formação excludente de tecnologia como fechada e hierarquizada, e afirma que há uma “[...] necessidade de construção de novas estruturas educacionais que não sejam apenas a formação fechada, hierárquica e em massa como a que está estabelecida nos sistemas educacionais” (KENSKI, 2007, p. 48).

Portanto, compreendemos que as relações no contexto educacional em que estamos precisamos ser mediadas pelo uso das TDIC, rompendo o tradicional momento formativo dos docentes para que possa se efetivar um ensino de História melhor. Esse processo deve ser contínuo, já que “[...] esse novo modo de se requer que o aluno, para além de adquirir determinadas informações e desenvolver habilidades para realizar certas tarefas, deve aprender a aprender, para continuar aprendendo” (BRASIL, 2013, p. 163). Em que pese o fato dessa última observação, feita em documento do Ministério da Educação, estar diretamente relacionada ao aluno, podemos relacioná-la **também** ao professor, que sem conhecimento tecnológico não consegue ensinar **utilizando os recursos digitais, que seria de grande ajuda no processo de aquisição do conhecimento histórico, através de novas percepções e reflexões.**

Comentado [M6]: Sugiro a retirada desse trecho.

Comentado [M7]: Remanejado/readequado (página seguinte).

¹² É uma plataforma pertencente a gestão municipal de educação, que tem como objetivo registrar a presença dos alunos, lançar conteúdos e notas, dentre outros itens. “Todas as informações que são geradas no painel são referentes aos alunos e poderão ser acompanhadas pelos pais através do GMOBILE um aplicativo que funciona em Android, IOS e Windows phone. Além de poder ser geridas em Android, IOS e Windows” (RODRIGUES, 2020, p. xx).

¹³ Nem todos os professores dispõem de computadores e internet em casa, para que efetivem pesquisas que os ajudem em relação às tecnologias digitais, metodologias e aquisição de textos que sejam atrativos aos alunos e lhe possibilite mais conhecimento. Em 2012, o Governo Federal forneceu alguns computadores para a Secretaria de Educação, que selecionou algumas escolas da zona urbana para serem contempladas. Infelizmente, os computadores, ao longo dos anos, deixaram de funcionar por falta de manuseio, pois nas escolas não tinha internet para que os professores e alunos pudessem utilizá-los de forma eficiente: pareciam mais uma peça decorativa do que uma ferramenta pedagógica.

No planejamento da formação, também deve se levar em consideração os meios que podem ajudar o professor a dinamizar as aulas de História, pontuando algumas metodologias viáveis para trabalhar com diferentes fontes e linguagens, a saber, recursos amparados em tecnologias digitais de informação e comunicação no ensino e aprendizagem da História.

Tais inovações podem nos remeter ao pensar e fazer histórico, como ensina de Certeau (2007, p. 73), referindo-se a operação historiográfica, que inclui a “[...] reunião dos documentos à redação do livro, a prática histórica é inteiramente relativa à estrutura da sociedade”. Ao aproximar essa citação da prática do professor de História, pensamos que o docente deve buscar meios, pelos quais, possa trabalhar a realidade do aluno. No entanto, uma boa forma é procurar no ciberespaço metodologias viáveis e acessíveis para a sua práxis. Ainda existe uma retração muito grande por parte dos professores quando falamos de recursos digitais¹⁴, temos que superar o apego ao livro didático e alçar voos na direção do novo, do tecnológico.

Aqui, antes de prosseguir, cabe reiterar que a indissociabilidade entre educação e tecnologias não transforma a segunda em solução para a primeira, ou seja, a opção por explorar o aspecto das tecnologias digitais no ensino de História pressupõe conhecimento do professor em sua área de formação, questão a ser articulada no próximo capítulo. Por ora, lembro, com Vani Kensky (2007, p. 44), que “A maioria das tecnologias é utilizada como auxiliar no processo educativo. Não são nem o objeto, nem a substância, nem sua finalidade”.

De volta à questão do livro didático, sabemos que nem sempre é possível utilizá-lo para se construir um debate que suscite reflexão histórica mais profunda; é necessário, às vezes, utilizarmos outros recursos, como um documento, um documentário, um filme ou textos diversificados, recursos com potencial contribuição do ciberespaço.

O uso de recursos audiovisuais é uma boa metodologia para se trabalhar em sala de aula, e talvez seja a mais utilizada, porém, tem que levar em consideração dois aspectos.

Identificar os fatores que levam a não utilização eficiente do cinema em sala de aula ou quando ele é utilizado, mesmo de modo inadequado, não é uma tarefa fácil.

¹⁴ Em 2018, tivemos a experiência de orientar um grupo de professores que lecionava História na Rede Municipal de Arari, quando pudemos perceber que alguns tinham dificuldades de selecionar documentários ou filmes para poder utilizá-los em sala de aula. Ainda há predominância significativa do uso exclusivo do livro didático, de aulas expositivas e a dificuldade de construção do conhecimento histórico. Tratando de forma específica do livro didático no município de Arari em 2018, houve uma espécie de “campanha” promovida pela Secretária de Educação através de seus supervisores para estimular a utilização do livro didático, com a alegação de que o professor estava deixando de lado esse material e substituindo-o por outro. Outra alegação foi a de que os alunos reclamavam que o livro não estava sendo utilizado.

Nesse sentido, apontamos dois problemas gerais que, provavelmente, provocam a sua prática pouco eficiente na sala de aula: um problema de ordem infraestrutural e outro de formação de professores (NASCIMENTO, 2008, p. 6).

Nas escolas municipais ararienses existem as duas situações. Uma, em menor escala, é como operacionalizar o recurso didático, a exemplo do datashow, recurso multimídia mais utilizado hoje em sala de aula para a exibição de audiovisuais; outra, a infraestrutura, questão mais abrangente, pois nas escolas não existe uma sala de vídeo e há somente uma unidade desse aparelho por escola. Ademais, às vezes não tem o notebook, ou o datashow não funciona mais. Isso não se constitui uma realidade exclusivamente arariense, mas da educação básica a nível nacional, relatado por Nascimento em pesquisa com professores sobre a utilização de filmes na sala de aula. Dentre as respostas, ouviu o recorrente argumento de que:

Suas escolas não têm um espaço adequado para exibição, por não ter habilidade para manusear os aparelhos eletrônicos e por não encontrar filmes didáticos nas locadoras, além do fato já apontado de que têm dificuldade em trabalhar didaticamente filmes por não terem experiência [...] Uma parcela significativa das escolas brasileiras, públicas ou privadas, carece, em geral, de pessoal qualificado no uso e manuseio das tecnologias audiovisuais. Muitos professores, por não terem “intimidade” com aparelhos eletrônicos, por terem uma concepção pedagógica de ensino tradicional que só valoriza o livro didático, a aula expositiva e a prática da ‘decoreba’, por não terem conhecimento teórico-metodológico suficiente para lidar didaticamente com o cinema, não usam nem sequer o valorizam como um instrumento ou recurso didático que pode ser usado em sala de aula (NASCIMENTO, 2008, p. 8; 12).

Hoje não se tem problemas com locações de filmes, pois os encontramos no YouTube e em aplicativos, mas, a dificuldade de encontrar “filmes didáticos”¹⁵ por parte de alguns professores ainda permanece, por não saberem instrumentalizar satisfatoriamente as tecnologias devidas e acessíveis ao meio escolar, ou por não possuí-las. Portanto, o ideal seria que esse professor passasse por um processo formativo para manuseá-las. Infelizmente, o professor tem que aprender quase que exclusivamente fazendo, praticando. Percebemos ainda em nossos dias, dados que ainda são os mesmos de 2008, relacionados aos audiovisuais em sala de aula.

Ainda de acordo com Nascimento, o professor não precisa ser um “[...] especialista em linguagem cinematográfica, mas, ter algumas noções básicas é suficiente para enriquecer sua metodologia” (NASCIMENTO, 2008, p.15). Essa metodologia no ensino de História possibilita a leitura crítica do mundo a partir das imagens, pois, “[...] elas escondem posturas

¹⁵ Não me refiro à diversidade de possibilidades de uso dos filmes em sala de aula, mas à dimensão técnica e tecnológica que envolve a questão.

ideológicas, direcionamentos políticos, valores que devem ser percebidos pelo aluno sob a orientação do professor” (NASCIMENTO, 2008, p. 36). Evidentemente, como alerta Bittencourt (2008, p. 109), é fundamental o cuidado com “[...] o método de leitura dos meios de comunicação e do uso da informática de maneira que se propicia uma análise crítica das informações”. Tanto em uma visão como em outra, o professor necessita de formação para intervir significativamente no processo de ensino aprendizagem.

Como ensina Ibernón (2009, p.18), é preciso analisar o que funciona, o que devemos abandonar, o que temos de desaprender, o que é preciso construir de novo ou reconstruir sobre o velho. Uma boa formação pode qualificar essa análise e apontar caminhos.

Para além disso, no percurso dessa pesquisa, a pandemia do Coronavírus de algum modo me ofereceu material para sustentar a hipótese de que o professor não está tecnicamente preparado para lidar com as ferramentas digitais. Nesse momento ímpar na história da educação brasileira, período em que se estabeleceu o isolamento ou distanciamento social para minimizar os efeitos da covid-19, as aulas presenciais em todos os níveis de ensino foram substituídas por aulas remotas - nos lugares que foi possível ministrá-las dessa maneira -, surpreendendo e desafiando professores e alunos e levando-os bruscamente a mudanças de hábitos.

Diante de tamanha novidade, matéria do jornal *O Estado de São Paulo*, fundamentada em pesquisa realizada pelo Instituto Península, nos dá a dimensão do tamanho desse desafio: *Oito em cada dez professores não se sentem preparados para ensinar online:*

Quase 90% dos docentes informaram na pesquisa que nunca tinham tido qualquer experiência com um **ensino a distância** e 55% que não receberam, até agora, - quase dois meses depois das aulas presenciais foram suspensas em todo o Brasil - suporte ou treinamento para atuar de maneira não presencial. Sem orientação clara, os profissionais têm criado as próprias atividades (...) Os docentes de redes públicas e particulares ainda se declaram ansiosos e nada realizados com o trabalho no momento atual (*O Estado de São Paulo*, n. 46232, 16 mai. 2020, p. 4).

Essa pesquisa evidencia a falta de familiaridade do professor com as ferramentas digitais, suas dificuldades, limitações; aponta também para uma formação que contemple essa necessidade do professor. O uso de novas tecnologias na educação não se sustenta se a base do sistema escolar não estiver muito bem consolidada. Ela precisa estar sempre alinhada às práticas criativas e inovadoras, potencializando o aprendizado. O professor se torna um mediador hábil quando submetido a uma formação que lhe permite ampliar seus conhecimentos teóricos e metodológicos, para que possa fazer a diferença em todos os momentos, incluindo os de crise, a exemplo do que vivenciamos agora. Compreendemos

que a formação continuada não dá conta de todas as demandas do ensino, devido a sua complexidade. Não somos ingênuos a esse ponto, mas, cremos que uma boa formação continuada pode fazer a diferença no sistema educacional, quando implantada com compromisso e respeito aos investimentos públicos no setor.

O professor nesse momento vive sob dupla tensão, seja por conta da pandemia, ou por conta da exigência que o sistema educacional lhe impõe sem tê-lo preparado para o uso diário das tecnologias digitais em sala de aula; nesse momento de crise, o sistema impõe um modelo de aula que lhe gera desconforto, insegurança e ansiedade. Pois, “o professor ainda está tendo de se reinventar completamente”, diz a diretora executiva do Instituto Península, Heloisa Morel: “imagine a sobrecarga e o estresse.” Ainda sobre a pesquisa realizada por esse Instituto, foi constatado que 70% dos professores entrevistados se sentem ansiosos pela demanda do momento, se encontram desamparados, principalmente os da rede pública. Uma professora da rede privada alegou que a formação que tiveram “foi mínima para o que estamos presenciando agora”. Uma professora da rede pública confessa que ainda não tinha conseguido usar o Centro de Mídias com suas turmas, plataforma criada pelo governo do Estado de São Paulo para o ensino remoto durante a pandemia, pois não sabia manuseá-lo.

A presidente executiva do Todos Pela Educação, **Priscila Cruz**, diz que poucas secretarias de Educação ou mesmo escolas particulares no País deram formação ou infraestrutura para professores em aulas não presenciais. A maioria dos profissionais tem usado seus próprios computadores, Wi-Fi ou celulares. (referência)

A fala de Priscila Cruz é percebida na realidade maranhense, que teve a suspensão das aulas na rede pública estadual a partir de 17 de março de 2020. Apesar da tentativa de fornecer aulas aos alunos através de uma parceria entre o Governo do Estado e Assembleia Legislativa, em projeto chamado *Fiquem em Casa Aprendendo*, em que aulas são ministradas através da TV, plataforma digital (YouTube), rede social (Instagram) e aplicativo WhatsApp, não tiveram uma boa aceitação por parte dos docentes e discentes. Segundo a pesquisa realizada via WhatsApp com 15 professores de História de Arari-MA – explorada adiante –, constatamos a insatisfação dos professores que não sabem lidar devidamente com as ferramentas acima. Em linhas gerais, os docentes salientaram a inviabilidade para a maioria dos alunos e ainda a notoriedade da exclusão de alunos, por não ter acesso a internet, nem a telefone celular ou computador, situação ainda mais grave na zona rural. .

Observamos mediante aos autores citados e as recentes pesquisas, grande despreparo do professor da educação básica para lidar com as novas tecnologias em sala de aula, que

Comentado [M8]: Veja a necessidade de atualizar essa informação, pelo menos até o final de 2020.

predominantemente recorrem às aulas expositivas tradicionais. Porém, a necessidade de mudança é latente. Neste momento de pandemia ficou evidente que se deve investir em formação que possa viabilizar ao professor habilidades tecnológicas para serem trabalhadas em sala de aula. Os professores têm consciência de que as TICs, quando devidamente utilizadas, podem promover a potencialização do ensino de História e maior compreensão do conhecimento histórico.¹⁶ De acordo com Kenski (2007, p. 46): “[...] para que as TICs possam trazer alterações no processo educativo, no entanto, elas precisam ser compreendidas e incorporadas pedagogicamente. Isso significa que é necessário respeitar as especificidades do ensino e da própria tecnologia” para que faça a diferença ao serem utilizadas.

Formação continuada, ensino, tecnologias, mas, e os docentes? Vamos a eles.

Comentado [M9]: Sugiro que retire esse trecho e desloque a nota para depois de “trabalhadas em sala de aula”.

Comentado [M10]: A nota de rodapé está referenciada em algum autor?

Comentado [M11]: Penso que o capítulo termina aqui. Elimine todo o trecho abaixo.

¹⁶ Desde que utilizadas com intencionalidade pedagógica. Entende-se a intencionalidade pedagógica como sendo toda a ação consciente, planejada e executada pelo professor/educador, acomodada dentro do cenário pedagógico (salas de aula ou qualquer outro ambiente no qual seja possível o ato de ensino e aprendizagem), determinado como espaço relacional dos que ensinam e dos que aprendem.